

A LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO

Rafael Lopes Silva

Mestre em Ciências da Educação

RESUMO

O ensino de literatura no ensino médio tem como intuito, transformar os alunos em pessoas letradas têm ainda a intenção de fazer com que os alunos sintam prazer em ler e leiam dentro e fora da escola o professor como mediador deve estar preparado para esse importante papel de ensinar a apreciação de uma obra. Sendo assim, a arte de contar história tem um papel importantíssimo na aproximação entre o aluno e a obra literária, tendo em vista, que a contação de história instigará a curiosidade do educando levando o a ler por prazer sem transformar a leitura em algo obrigatório e conseqüentemente chato.

Palavras-Chave: Contar Histórias; Ensino Médio; Leitura; Literatura

1- INTRODUÇÃO

Para compreender as mudanças ocorridas no ensino de literatura no Brasil é necessário, antes, conhecer como se deu o processo de alfabetização no país. No período de colonização, não era do interesse dos portugueses implantar um sistema educacional na colônia, afinal de contas “nada melhor do que a ignorância para gerar a obediência cega, a subserviência e o conformismo, como destino irrevogável da condição humana” (Cagliari 2004, p.10).

Desta forma, a tarefa de ensinar foi inicialmente atribuída às companhias religiosas, que possuíam acervo bibliográfico restrito aos seminaristas, como consequência, a maioria da população tinha dificuldades em se alfabetizar e, ainda que o fizesse, não tinha acesso a livros.

Mesmo após a independência, em 1822, a educação da população não foi priorizada. A preocupação com as altas taxas de analfabetismo, mais de 70% dos brasileiros, partiu dos republicanos, porém eles não obtiveram apoio, assim, os livros continuaram a ser impressos no exterior, as escolas públicas não se desenvolveram e escola particular passou a constituir-se um bom negócio, no qual se valorizava mais o lucro do que a qualidade de ensino.

A rede pública de ensino veio a ampliar-se após a Revolução de 30, quando foram organizados os diferentes graus de ensino com aumento dos anos de frequência à escola, juntamente com estas medidas vieram a diluição dos conteúdos, diminuição das áreas de conhecimento que foram substituídos pela formação profissionalizante, com objetivo de qualificar a população para o mercado de trabalho.

Havia, contudo, um distanciamento entre o leitor e o livro de literatura, deste modo o aluno passa a ter contato com a obra literária por intermédio do livro didático, principal meio de leitura da escola brasileira, segundo Zilberman (1991):

O livro didático soube ocupar o vazio que se estabeleceu, correspondendo de modo cabal às características imprimidas pela indústria livreira ao mercado nacional: proporcionalmente, ele apresenta-se como um livro barato, pois um único exemplar serve para as atividades de todo um ano escolar; mas não é um objeto que possa ser socializado, já que cada aluno precisa possuir o seu, consumido no decorrer do período anual de estudos. (p. 51).

Podemos observar neste breve histórico do panorama da literatura no Brasil que o estímulo à fruição estética simplesmente inexistiu logo, o espaço para se contar uma bela história a fim de se despertar o hábito leitor ficou também ficou relegado a segundo plano.

Apresentar as implicações da arte de contar história no ensino literário na sala de aula e a sua compreensão é, portanto, o objetivo deste artigo.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

2-1 - LEITOR, AUTOR E TEXTO: UMA LIGAÇÃO NECESSÁRIA

Para que possamos compreender o texto em sua totalidade utilizaremos a Análise do Discurso (AD), segundo Orlandi (2000):

(...) o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito. O sujeito se subjetiva de maneiras diferentes ao longo de um texto. Há pontos de subjetivação ao longo de toda a textualidade. (P. 70)

O texto é todo acontecimento linguístico escrito ou falado sem extensão pré-definida que possui caráter ideológico, ou seja, ele sempre se destina a um público alvo e traz consigo uma mensagem explícita ou implícita.

O entendimento do leitor frente a um texto na perspectiva da AD se dá com a compreensão do funcionamento do texto numa produção de sentido que possui várias formas de significação, entre eles o aspecto linguístico-histórico.

Para a AD todo o texto está inserido em um contexto que vai além da mera codificação, ou seja, ele pertence a uma determinada esfera social e, devido a este fator, carrega consigo características próprias que podemos denominar como discursos.

A AD não se interessa pelo texto como algo acabado em si mesmo, seu interesse é por sua unidade que ao mesmo tempo é o todo que possibilita o alcance do discurso.

O leitor tem tanta importância quanto o autor e o texto, pois ele interpreta o texto de acordo com seu modo de pensar e o relaciona com aspectos pessoais, por isso textos que falam sobre assuntos cotidianos despertam mais a vontade de ler.

A leitura tem, em sua primeira impressão, críticas superficiais, pois não foram refletidas e nem debatidas com outras ideias. O mesmo livro pode ser visto de diferentes ângulos por diferentes leitores.

Por isso de acordo com Orlandi (2000):

O sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles

que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (p.42)

Segundo Eco (1989) existe o leitor vítima, que é aquele não se preocupa com a estrutura do texto, que prende sua atenção inteiramente na estória narrada, e o leitor crítico se preocupa com a estrutura do texto, dando importância a sua forma escrita, mas sem deixar de apreciar o texto em si.

O principal objetivo da escola e do professor é transformar o aluno, que é um leitor vítima, em um leitor crítico. Mas tem-se que atentar em fazer isso da maneira correta. O aluno deve ser exposto gradativamente aos textos de maior complexidade com o intuito de despertar seu gosto pela literatura e, conseqüentemente, o senso crítico.

Neste caso, o leitor apenas conseguiria despertar esse gosto pela literatura com o auxílio da pragmática, semântica e textualidade. Dentro desta perspectiva, o professor além de mediador, obrigatoriamente deve ser um leitor, neste sentido, se o professor tiver domínio na arte de contar histórias sua ação docente terá um diferencial que será o elo entre os alunos e os textos literários.

Como o professor também faz parte da seleção dos livros e textos que serão usados no conteúdo programático do Ensino Médio, ele pode auxiliar para que essas escolhas sejam feitas de acordo com interesse dos alunos, não deixando o cânone completamente de lado.

O cânone pode ser usado, mas não deve ser estatizado, pois quando a literatura fica presa a apenas um foco acaba se tornando conteúdo que provavelmente só se verá na escola e que depois não terá utilidade. Seguindo esta linha de raciocínio os poemas, por exemplo, devem ser trabalhados um cuidado ainda maior, já que a leitura de poemas fora da escola é algo raro.

Sendo assim, um poema deve ser declamado, ou seja, o espaço deve ser preparado, o professor deve ter domínio do que será apresentado aos discentes e acima de tudo a mensagem deve ser transmitida com emoção e não meramente decodificada.

O professor também não deve se prender a escola literária ou ao estilo do texto, pois o essencial, que já está inserido no texto, virá à tona no momento da leitura.

2-2 - O PROFESSOR E O ALUNO NO ENSINO LITERÁRIO

De acordo com uma pesquisa realizada por Rocco (1992) os professores não sabem direito o que é literatura.

A pesquisa tem como ponto primordial perceber as dificuldades do professor em lecionar literatura. Para isso foi questionado a alguns professores como eles lecionavam literatura, qual a importância da história e até mesmo da linguagem que são usadas nos textos.

O que mais preocupou a pesquisadora foi perceber que os professores veem literatura e textos de forma separada, sem nenhuma conexão. Quando qualquer tipo de texto é literatura, seja o mais simples e atual até o mais arcaico e complexo.

Outro ponto que se mostra bem problemático é que a maioria de professores considera que apenas a história narrada tem que ser discutida e analisada, com enfoques sociais e morais, e a linguagem deve apenas ser trabalhada quando for conveniente, não sendo de extrema importância para o maior conhecimento literário do aluno.

Mas, de acordo com Rocco (1992, p.32):

Se já existe certa preocupação com a organização linguística especial de um texto, tal preocupação nem sempre se liga à existência ou não de literalidade; caracteriza-se antes por um enfoque simplesmente purista e gramatical.

Ou seja, o professor ainda não reconhece os problemas, a importância da literatura no ensino médio e menos ainda se atenta a arte de contar história como uma prática pedagógica ele acaba dando exclusividade a textos que os adolescentes julgam como bons, esquecendo-se da importância do trabalho de textos clássicos da literatura brasileira ou até mesmo estrangeira.

De acordo com os resultados desta pesquisa podemos destacar alguns pontos importantes como:

- ✓ Professores, mesmo os pós-graduados, que não tiveram o estudo literário com grande profundidade, já que conhecer a linguagem de ponta a ponta, não tem significado quando não se estuda as outras características que formam a literatura
- ✓ Alunos que se mostram insatisfeitos com as leituras indicadas pelos professores, tais leituras passam ao aluno a ideia que a literatura é chata e sem utilidade.
- ✓ O interesse por parte dos alunos, pela escrita, já que veem nela uma forma de desabafo, mas a leitura de textos que não fazem parte de seu cotidiano, não se torna algo prazeroso. Sendo a interligação de textos atuais com textos cânones a solução mais adequada.
- ✓ Isso mostra o grande distanciamento entre aluno e professor, já que um só quer seguir os cronogramas da escola e desconhece uma ferramenta pedagógica importantíssima a contação de histórias e o outro só quer ler aquilo que o satisfaz, o que faz com que os dois entrem em contradição.

2-3 - ORIENTAÇÕES OFICIAIS PARA O ENSINO DE LITERATURA

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio, doravante OCEM, direcionam o professor para que organize melhor sua metodologia de ensino, em relação ao ensino de literatura; primeiramente, classificam a literatura como a arte de escrever, sejam poemas, letras de música ou quaisquer outros meios de transmitir ideias de forma escrita. Um dos desafios encontrados ao se trabalhar com ensino de literatura é a concepção equivocada que os alunos têm da literatura, muitos a veem como algo que não vai ser aplicado fora da sala de aula, pois retrata apenas uma arte de determinado período histórico. Essa transmissão que é feita pelo professor é um grande equívoco, já que a literatura nos faz não só conhecer a cultura da época em questão, como também nos faz refletir com maior senso crítico sobre a época, entrelaçando-a com os dias atuais.

As OCEM defendem que esta arte escrita tem que fazer parte do conteúdo ensinado no Ensino Médio, pois faz com que o adolescente desenvolva sua mente de uma maneira mais articulada e com melhor elaboração; e para que possamos entender a literatura com toda sua intenção precisamos ser letrados, isso não significa que tenhamos que apenas saber ler e escrever, mas sim que devemos entender o "âmago" da poesia.

Para garantir este letramento precisamos, em primeiro lugar, deixar de lado o paradigma de que a escola serve unicamente para transformar os alunos em trabalhadores específicos, pois na verdade a escola e, principalmente, o professor têm a função de ensiná-los a seguir diferentes rumos, seja este rumo traçado por uma faculdade ou pela inclusão no mercado de trabalho após a conclusão do Ensino Médio.

Tem-se como um ideal que o aluno entre no Ensino Médio com um conhecimento intelectual básico já apreendido no Ensino Fundamental. Mas, muitas vezes, esse ideal não chega a se tornar uma realidade, visto que a literatura que deve ser trabalhada no ensino médio acaba sendo um retrocesso do Ensino Fundamental para que os alunos entendam.

Fora da escola os alunos, durante toda educação básica, podem escolher os livros e textos que mais os agradam, podendo ser escolhidos por sua síntese, pela capa ou até mesmo pelo número de páginas.

Na escola essa livre escolha não acontece, gerando assim o uso de textos que podem não ser interessantes para o jovem, já que esses textos passam por uma seleção, que vai desde a bibliotecária até a diretora.

Deve-se trabalhar no Ensino Fundamental algo de mais fácil compreensão, com textos mais superficiais, para que no Ensino Médio o estudo seja aprofundado tornando a literatura mais complexa e relacionada a textos atuais.

O ponto de partida para a aproximação das obras consagradas e os educandos, entre outros é a emoção que o docente passa para o aluno ao contar sobre determinada obra, autor ou estilo literário neste momento, se o professor souber dosar ele poderá colocar “um tempero a mais” nesta aproximação.

2-4 - ANÁLISE DE ATIVIDADES DE LEITURA LITERÁRIA NO LIVRO DIDÁTICO

Não é de hoje a aversão que grande parte dos alunos apresentam frente às leituras literárias, este não é um mérito apenas dos alunos do EM, mas da maioria da população brasileira.

Usualmente as obras literárias são vistas como leitura obrigatória para um bom desempenho no vestibular, ou qualquer outra atividade solicitada pelo professor; deste modo, abrir um livro, folhear e, conseqüentemente, ler tem sido associado pelo aluno a uma imposição, deixando de ser um ato prazeroso.

Uma das obrigações da escola é formar leitores, porém ao invés de aproximar os alunos deste mundo de infinitas possibilidades, ela os tem afastado e isso se deve às práticas de ensino que vêm sendo adotadas.

Muitas atividades de leitura literária no contexto escolar não levam em consideração o fator interdisciplinar que a literatura possui, por isso é imprescindível o conhecimento do professor na escolha do livro didático a ser adotado. Os trabalhos com as obras literárias devem ter o intuito de agregar, não apenas reproduzir, ensinamento que seja significativo para os alunos.

Basicamente, os livros didáticos concebem o ensino literário apoiado na tríade conceito de leitura, textos e exercícios, sendo assim, não auxiliam na formação de leitores de Literatura. Por não auxiliarem na formação de leitores, cabe sempre o incentivo não apenas por parte do professor como também dos pais.

A família tem um papel extremamente importante, isso porque, é no seio familiar que a criança tem o primeiro contato com a literatura, muitas vezes este contato ocorre no ventre materno quando a mãe conversa com o filho e conta alguma história sobre contos de fada.

Mesmo que o suporte livro não exista nos lares de muitos brasileirinhos, por exemplo, os avós ou responsáveis legais podem e devem contar histórias, tendo em vista, que ouvir histórias mesma estimula a imaginação, faz com que a criança se coloque no lugar do outro.

2-5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa notamos uma deficiência na forma de ensinar literatura, já que os alunos não criam desejo de ler e sim uma grande rejeição à literatura dentro e fora da escola.

Os professores se mostram despreparados a lecionar literatura, pois veem o ensino desta como algo canônico, mostrando dificuldade em relaciona-la com a literatura moderna.

Com esse artigo transpassamos sugestões de como fazer a literatura se tornar algo prazeroso, sem deixar o canônico de lado, mas trazendo-a para a atualidade não só dentro da escola.

Além de sugerir que a contação de histórias esteja presente no dia a dia dos alunos do ensino médio, do mesmo modo que na educação infantil, tendo em vista, que a arte de contar história recebe atenção especial há os espaços de roda de leitura, o momento do conto.

Durante as etapas de escolarização estes momentos tão ricos são esquecidos e a ênfase nos conteúdos torna se protagonista no processo ensino aprendizagem.

Com base na pesquisa apresentada podemos concluir que os docentes que atuam no ensino médio devem privilegiar em sua prática pedagógica a arte de contar histórias a fim de reaproximar os educandos da magia que foi perdida, dos encantos que apenas a infância perdida pode propiciar, acreditar na contribuição da arte de histórias, não é história da Carochinha, mas um fato real que deve estar presente nas sequencias didáticas existentes no ensino médio para que a distância entre as obras literárias e leitor sejam rompidas.

BIBLIOGRAFIA

Brasil. Secretaria de Educação Básica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília. MEC/SEB, 2006.

Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília. MEC/SEB, 2000.

Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: PCN + Linguagens, Códigos e suas Tecnologias Orientações Educacionais Complementares. Brasília. MEC/SEB, 2002.

CAGLIARI, Carlos Luiz. Alfabetização e Linguística. 10ª edição. 2ª impressão. São Paulo: Scipione, 1997. Capítulos I e II. Pensamento e Ação no Magistério.

Série Novo Ensino Médio. MARTINS, Ivanda. A literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor. In: BUNZEN, C. & MENDONÇA, M. (orgs.). Português no Ensino Médio e a Formação do Professor. São Paulo: Parábola, 2006.

MASSAUD, Moisés. A literatura Portuguesa. 29ª edição. São Paulo: Cultrix, 1999.

ORLANDI, Eni Pucelli. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. São Paulo: Pontes Editores, 2000.

POSSENTI, Sírio. Sobre o Ensino de Português na Escola. In: Geraldi, João W. (org.). O Texto na Sala de Aula. 3ª edição .8ª impressão. São Paulo: Ática, 2004.

ROCCO, Maria T. F. Literatura/Ensino: uma problemática. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1992.

ZILBERMAN, Regina. A literatura e o Ensino de Literatura. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 1991.